

12

# Arqueologia Medieval ▼



EDIÇÕES AFRONTAMENTO

# CERÂMICA ALMÓADA PROVENIENTE DE UMA HABITAÇÃO NO ARRABALDE DE SILVES CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA CULTURA MATERIAL ALMOADA

INÊS SIMÃO

## 1. O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Durante as obras de recuperação e remodelação do Teatro Gregório Mascarenhas, em Silves, a identificação de contextos arqueológicos preservados motivou a realização de uma intervenção arqueológica, a cargo da empresa Era Arqueologia e sob a direcção técnica da Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Ramos, (Ramos, 2004).

Localizado entre a Rua Cândido dos Reis, a Rua Diogo Manuel e a Rua dos Operários, freguesia e concelho de Silves, este teatro foi inaugurado em 1909 e ocupou um importante papel na vida cultural da cidade durante o século XX. Nos anos oitenta, o edifício foi classificado como património de interesse concelhio e comprado pela Câmara Municipal de Silves. Já nos anos noventa, foi compreendida a necessidade de realizar uma recuperação do seu espaço, iniciando-se os trabalhos de reabilitação no ano de 2003.

Os primeiros trabalhos de acompanhamento arqueológico, a cargo da Câmara Municipal de Silves, permitiram identificar um conjunto de contextos arqueológicos preservados, de cronologia islâmica, que motivaram a posterior escavação arqueológica. Encontramo-nos afinal muito próximo do centro histórico da cidade, numa zona do antigo arrabalde islâmico, junto a uma das entradas principais do recinto amuralhado, (Porta do Sul ou de Loulé).

Nas quatro sondagens entretanto realizadas foram observadas realidades que correspondem a uma ocupação habitacional deste espaço e que se juntam a outros sítios arqueológicos já identificados do arrabalde islâmico de Silves, com os seus bairros habitacionais que se expandem em redor da zona amuralhada da medina e

onde se instalam as características habitações islâmicas.

Tratou-se de mais uma intervenção arqueológica de emergência em contexto urbano que permitiu identificar um fragmento da história desta cidade, mostrando como o património arqueológico urbano se tem vindo a destacar na compreensão da evolução temporal e espacial dos centros urbanos, permitindo conhecer uma série de informações sobre as sociedades que aí foram habitando, e contribuindo para um aumento da nossa riqueza cultural, identitária e patrimonial.

Foi possível identificar diferentes espaços habitacionais com as suas compartimentações, bem como outros equipamentos domésticos, nomeadamente canalizações, fossas, uma latrina, tanques ou lareiras. Observou-se alguma complexidade ao nível das fases de ocupação, apontando-se uma cronologia entre os séculos X e XIII.

A Casa II destaca-se como o espaço habitacional que foi possível caracterizar com maior

exactidão, apresentando, no seu último momento de ocupação, uma maior elaboração arquitectónica. Estamos perante uma habitação organizada em torno de grande pátio central lajeado, em redor do qual se distribuem os espaços habituais da casa islâmica: um vestíbulo junto à entrada; uma zona de cozinha, com a sua lareira; um salão e uma latrina como exemplo das preocupações com a hidráulica e higiene doméstica, (Ramos, 2007).

## 2. O CONJUNTO CERÂMICO

É o conjunto de cerâmica proveniente desta habitação (Casa II) que se pretende apresentar, contribuindo para melhor conhecer a cultura material local, o quotidiano e as formas de vida da sociedade islâmica em Silves. Este espólio cerâmico foi recolhido nos principais compartimentos da casa, nomeadamente o ambiente III (cozinha), o ambiente V (átrio de acesso à habitação), o ambiente VI (salão) e o ambiente XVII (pátio central).

Caracteriza-se por apresentar peças extremamente fragmentadas, surgindo na sua maioria pequenas porções de paredes de cerâmica comum, sem decorações, das quais não é possível apresentar uma definição formal. Mesmo assim é possível afirmar que este conjunto apresenta alguma variedade tipológica e que nos permite encontrar alguns exemplos das formas mais difundidas e presentes no mundo islâmico almóada.

Assim, ao nível tipológico observa-se alguma variedade formal e especialização do serviço doméstico, tendo sido identificadas onze formas que se adaptam às suas funções e às necessidades quotidianas desta sociedade.

As **loijas de cozinha** representam o conjunto de recipientes de uso culinário diverso e destacam-se como as formas mais abundantes. O seu fabrico caracteriza-se essencial-



Figura 1 – Vista geral da Casa II.

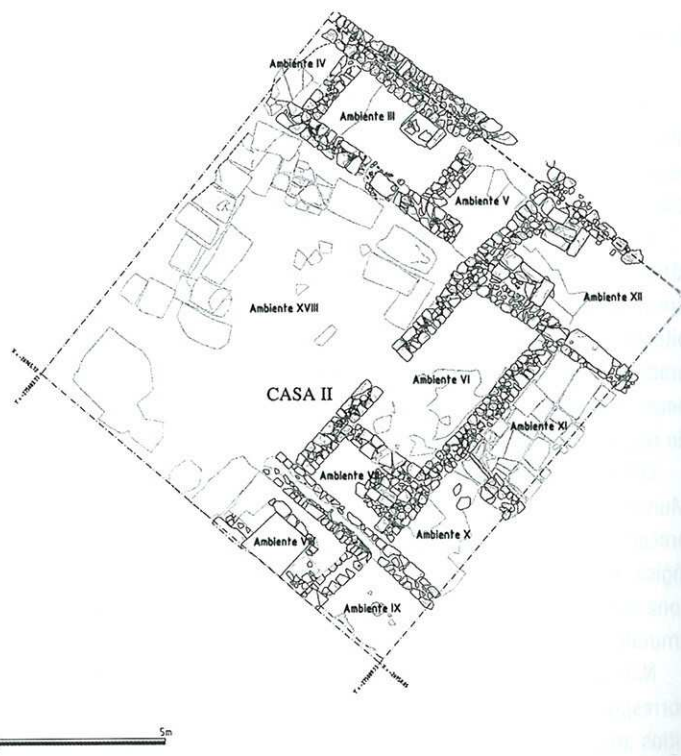


Figura 2 – Planta da Casa II. (Imagem cedida por Ana Cristina Ramos e pela Era Arqueologia S.A.)

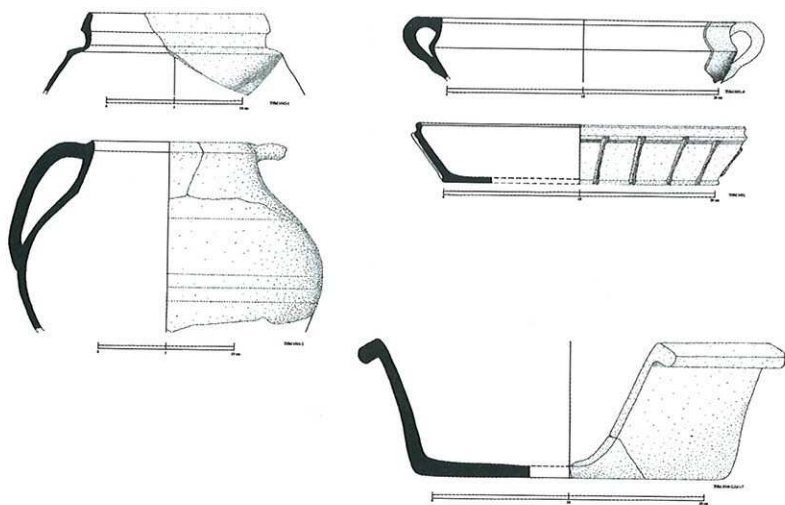


Figura 3 – Loiça de mesa – panelas, caçoilas e alguidar.

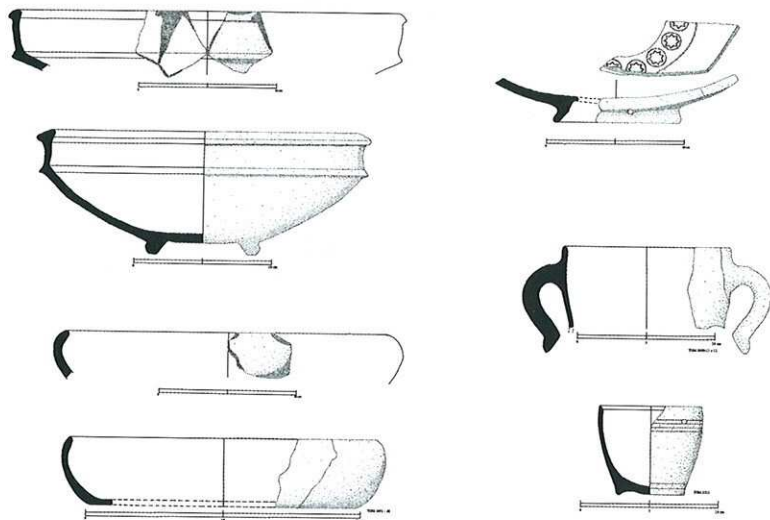


Figura 4 – Loiça de mesa – taças, jarra, copo.

mente por preocupações de carácter funcional, reduzindo o seu aparato decorativo (simples pinturas, incisões ou caneluras) e apresentando preocupações com o tratamento das superfícies interiores das peças (vidrados, brunidos ou alisados).

As panelas surgem como o recipiente de uso mais comum da cozinha islâmica, ocorrendo alguns exemplares característicos de contextos almóadas; as caçoilas surgem como as formas abertas, para cozinhar, e estão representadas por grandes exemplares em cerâmica comum, de corpo carenado, ou pelas características caçoilas de *costillas*, de superfícies vidradas e com aplicações plásticas verticais

em redor do corpo; os alguidares aparecem como uma forma de uso muito polivalente com diferentes dimensões, corpos troconcónicos e bordos de perfil semi-circular, sub-rectangular ou triangular.

As peças mais ricas e com maiores preocupações decorativas vão pertencer ao **serviço de mesa**, como seria de esperar, sendo nelas que se pode observar as decorações que melhor representam a tradição islâmica. As taças surgem como o elemento mais representativo deste serviço, utilizadas para servir os diferentes pratos e alimentos, com diferentes tamanhos, tipologias e tratamentos decorativos. Neste conjunto destacam-se as taças com carenas acusadas sobre pé alto e anelar, vidradas a melado e com decoração a manganês ou vidradas a verde com decoração estampilhada, e as taças de cerâmica comum, com paredes hemisféricas e bordos simples circulares, sobre fundos planos.

Associadas ao transporte e consumo de líquidos surgem formas como as jarras de colo cilíndrico, corpo globular e decorações pintadas a branco, vermelho ou negro, procurando um contraste cromático; as garrafas de corpo globular ou piriforme, sobre fundos planos ou pés anelares e com as superfícies vidradas; e um copo cilíndrico e de paredes altas.

O conjunto de vasilhas e recipientes para **armazenamento** e transporte de alimentos está representado pelos habituais cântaros, forma de grande pervivência, de colo alto e cilíndrico, corpo ovóide e asas fitiformes, com decoração pintada; as grandes talhas de espessas paredes em cerâmica comum ou os exemplares com decoração estampilhada tão característicos do período almóada; e os potes caracterizados pela diversificação de formas e tamanhos, dividindo-se em dois grupos principais: em cerâmica comum com decoração pintada na superfície externa ou com as superfícies vidradas.

Estão ainda representados outros objectos de uso quotidiano como as tampas que se adaptam às formas do serviço de cozinha ou de mesa ou os objectos de iluminação.

Ao nível das **tampas** surgem dois tipos distintos: os característicos testos em cerâmica comum, de forma troncocónica invertida e um tipo mais associado ao serviço de mesa pelas suas preocupações decorativas, como as superfícies esmaltadas, de forma hemisférica e com pronunciada moldura que encaixa sobre a peça a cobrir.

A **iluminação** da habitação fazia-se com os habituais candis, surgindo neste caso formas com reservatório aberto, por vezes sobre pé alto, e com superfícies vidradas.

Ao nível decorativo e de tratamento de superfícies este conjunto caracteriza-se pela presença de alguma variedade, estando representadas as opções próprias deste mundo islâmico, com grande destaque no entanto para o uso do vidrado.

Como referido, o uso do vidrado vai destacar-se surgindo predominantemente peças com vidrados monocromáticos em tons verdes, melados, castanhos e amarelos. Estão também presentes peças com vidrados melados e decoração a manganês ou com vidrados verdes associados a decoração estampilhada. Foi ainda possível notar uma utilização cada vez mais funcional deste tipo de revestimento com o surgimento de vidrados de carácter utilitário em peças da loiça de cozinha como as panelas e as caçoilas ou em recipientes de armazenamento mais especializados como alguns potes, garrafas e talhas.

Ao nível dos motivos decorativos utilizados observam-se motivos geométricos, fitomórficos muito esquemáticos e pseudo-epigráficos. Estas decorações vão surgir sobre o bordo, ao longo da superfície interna da peça e, maioritariamente, ao centro, no fundo.

A pintura vai surgir em tons de branco, ver-

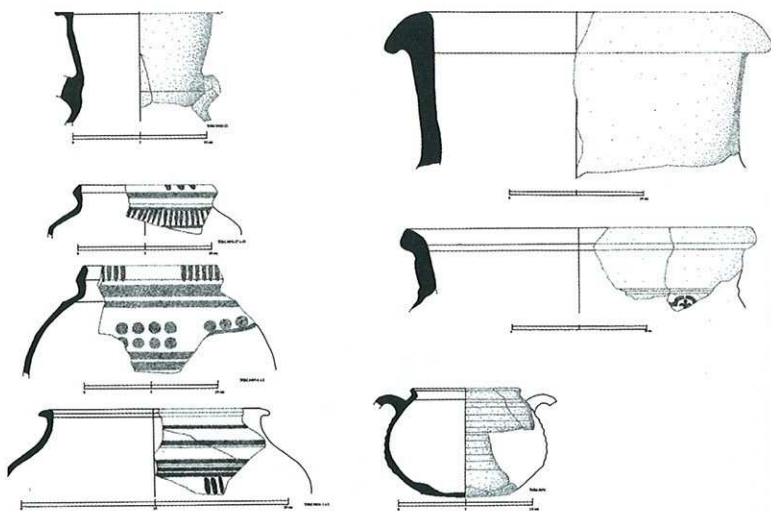


Figura 5 – Loiça de armazenamento – Cântaro, talhas e potes.

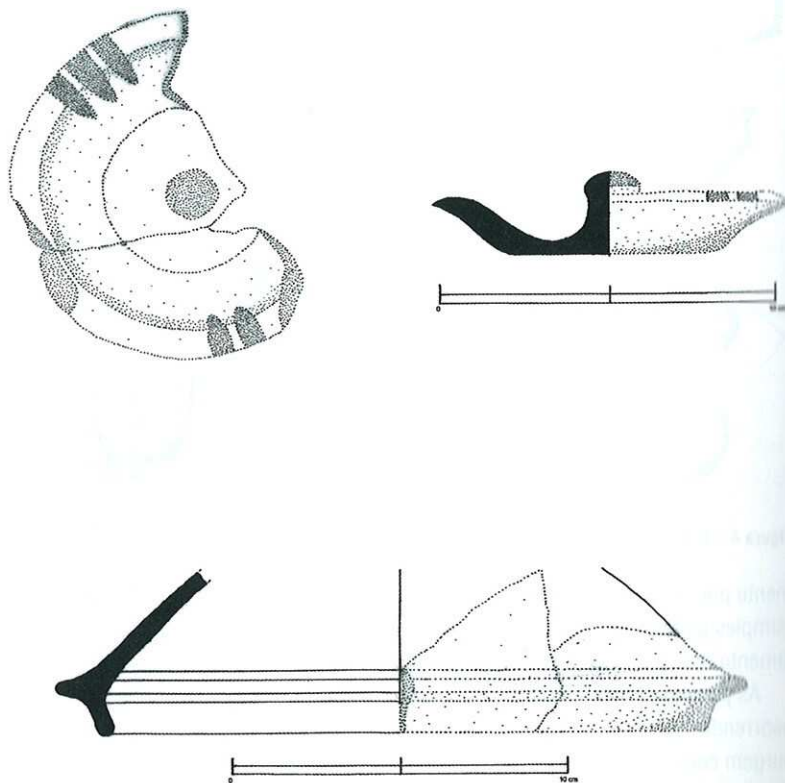


Figura 6 – Tampas.

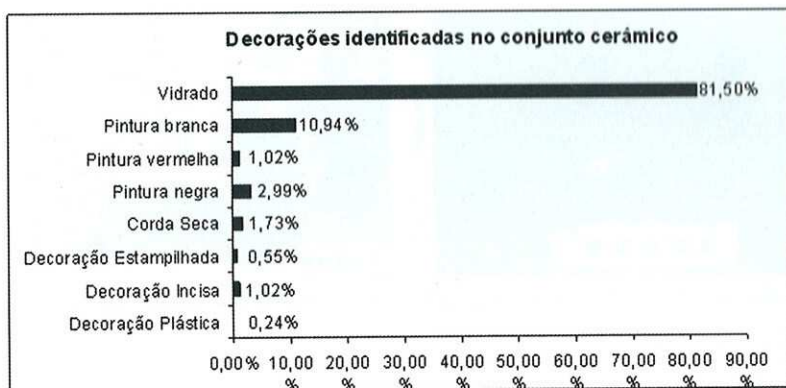


Gráfico 1 - Decorações presentes no conjunto cerâmico.

melho ou negro, procurando um contraste cromático com a pasta, e está principalmente presente em formas fechadas como as jarras, os potes, os cântaros ou algumas panelas. Localiza-se sobre os bordos demarcando-os, em redor dos colos ou sobre as paredes. Os motivos ornamentais são na totalidade motivos geométricos, principalmente as conjugações de séries de traços horizontais e verticais, rectos ou ondulados, sobre os colos; simples traços horizontais sobre o bordo ou conjugações de traços horizontais, verticais, círculos e ondulações sobre os bojos.

Surgem também alguns fragmentos residuais com decoração estampilhada, incisa, plástica, ou em corda seca.

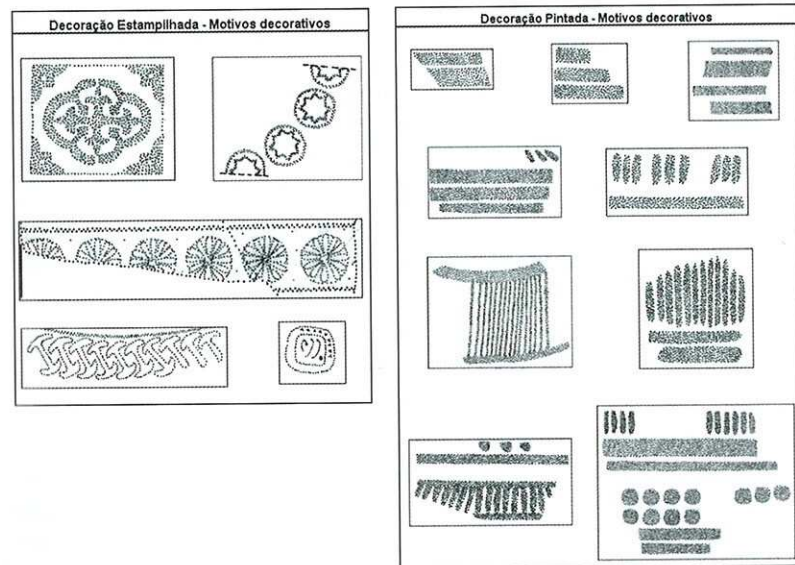


Tabela 1 - Decoração estampilhada e pintada - motivos decorativos.

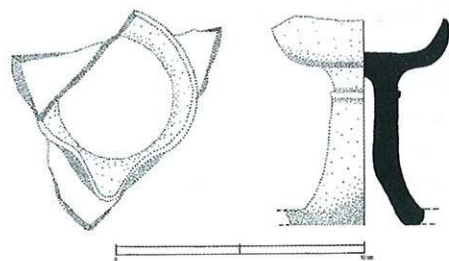
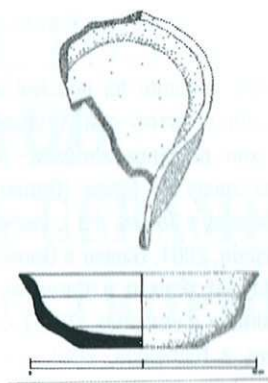


Figura 7 - Cantis de reservatório aberto.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trata-se então de um espólio cerâmico com uma cronologia marcadamente almóada, da segunda metade do século XII, primeira metade do século XIII.

Encontramo-nos perante um conjunto cerâmico proveniente da última fase de ocupação de uma habitação islâmica no arrabalde de Silves. Este espaço urbano, marcado por diferentes remodelações, deverá ter sido abandonado com a mudança do poder islâmico para o cristão, nesta cidade, num momento em que a dinastia almóada reinava no *al-Andalus*. A análise das cerâmicas utilizadas pelos seus últimos ocupantes permite encontrar características marcantes da cerâmica deste período, com

algumas tipologias muito habituais na cerâmica desta altura.

Para este conjunto foi possível encontrar paralelos em diversos outros locais do *al-Andalus* com presença almóada, nomeadamente nas zonas de Silves (Gomes, 1999), Mértola (Macias e Torres, s.d.), Lisboa (Bugalhão e Folgado, 2001; Gaspar e Gomes, 2001), Alcácer do Sal (Paixão e Carvalho, 2001 e 2002), Palmela (Fernandes, 2001) ou Santarém (Lopes e Ramalhos, 2001; Ramalho et alii, 2001). Importa notar a correspondência entre as formas agora analisadas e as tipologias apresentadas para outros locais marcantes do *Gharb* como as referenciadas por Helena Catarino para o Algarve Oriental, (Catarino, 1997) e por Susana Gómez Martínez para Mértola, (Gómez Martínez, 2006). Notámos também importantes paralelos com outras coleções de cerâmica de Silves, nomeadamente as analisadas por Rosa Varela Gomes (Gomes, 1999), provenientes da zona da alcáçova e de outros espaços habitacionais da cidade. A presença de formas e decorações semelhantes nesta grande área do *Gharb* permite compreender o espalhar do gosto almóada, acompanhado pelo surgimento de peças mais standardizadas e universais, característica deste momento, nomeadamente a caçoila de *costillas*; as taças com carenas acusadas sobre pé alto e anelar; as talhas decoradas com estampilhas; ou os candis de reservatório aberto, por vezes sobre pé alto.

Importa também referir que continuam ainda a surgir algumas tipologias de uso prolongado durante a presença islâmica, nomeadamente as taças de paredes hemisféricas e bordos simples circulares, sobre fundos planos; as jarras com colo cilíndrico, corpo globular e decorações pintadas; ou os cântaros com caneluras ou decorações pintadas sobre o bojo.



Figura 8 – Fragmentos com decoração em corda seca e com decoração a melado e manganês.

## BIBLIOGRAFIA

- BENABAT HIERRO, Yolanda e PÉREZ MACIAS, (2003), «Apunte sobre el ajuar cerámico del siglo XII en Niebla», *Arqueologia Medieval*, n.º 8, Porto, Edições Afrontamento, pp. 119-127.
- BUGALHÃO, Jacinta e FOLGADO, Deolinda, (2001), «O Arrabalde Ocidental da Lisboa Islâmica; urbanismo e produção oleira», *Arqueologia Medieval*, n.º 7, Porto, Edições Afrontamento, pp. 111-145.
- CATARINO, Helena, (1997), *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados*, Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Al-ulyã, n.º 6 (1997-1998), Loulé, Arquivo Histórico Municipal, 3 vol.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, (2001), «A península de Setúbal em época islâmica», *Arqueologia Medieval*, n.º 7, Porto, Edições Afrontamento, pp. 185-209.
- GASPAR, Alexandra e GOMES, Ana, (2001), «Resultados preliminares das escavações arqueológicas no Castelo de S. Jorge», *Arqueologia Medieval*, n.º 7, Porto, Edições Afrontamento, pp. 95-110.
- GOMES, Rosa Varela, (1999), *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus. Arqueologia e História (séculos VIII-XIII)*, Tese de doutoramento em História, especialidade Arqueologia, Lisboa, UNL, FCSH.
- GOMEZ MARTINEZ, Susana, (2006), *Cerâmica Islâmica de Mértola: producción y comercio*, Madrid, Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, [Recurso Electrónico], <http://cisne.sim.ucm.es>.
- LOPES, Carla do Carmo e RAMALHO, Maria M.B., (2001), «Presença islâmica no Convento de São Francisco de Santarém», *Garb. Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, Lisboa, IPPAR, p. 31-88.
- MACIAS, Santiago e TORRES, Cláudio, (coord.), (s.d.), *Museu de Mértola. Arte Islâmica. Catálogo*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, Câmara Municipal de Mértola.
- PAIXÃO, António Cavaleiro e CARVALHO, António Rafael, (2001), «Cerâmicas Almóadas de Al-Qasr Al-Fath (Alcácer do Sal)», *Garb. Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, Lisboa, IPPAR, pp. 199-230.
- , (2002), «Aspectos da presença Almóada em Alcácer do Sal (Portugal)», *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela, Edições Colibri, pp. 369-383.
- RAMALHO, Maria M. et alii, (2001), «Vestígios da Santarém Islâmica – Um silo no convento de S. Francisco», *Arqueologia Medieval*, n.º 7, Porto, Edições Afrontamento, pp. 147-183.
- RAMOS, Ana Cristina, (2004), *Trabalhos Arqueológicos no âmbito da recuperação do Teatro Gregório de Mascarenhas, Silves*, Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos, Lisboa, Era - Arqueologia, S.A.
- (2007), «Arqueologia Urbana em Silves. A intervenção no Teatro Gregório de Mascarenhas», *Xelb 6. Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História. Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Vol. I Comunicações e Conferências, Silves, Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves, pp. 51-70.